

## A CRISTALIZAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE O PROFESSOR EM RECURSOS MIDIÁTICOS

Juliana Orsini da Silva<sup>1</sup>

Os estudos identitários acerca da profissão docente têm recebido atenção especial por pesquisadores no Brasil. Para autores como Bohn (2005), Fino e Sousa (2003), Barbara e Sardinha (2005), a identidade se constrói pelos gestos, pelas palavras e pelo olhar do outro. A identidade do professor, especificamente, também se constrói na voz das instituições que se expressam nos textos, discursos políticos pedagógicos e nos documentos oficiais. O governo tem papel importante do como a sociedade constrói a imagem sobre a profissão docente, e essa pode interferir no modo como o professor se vê e, conseqüentemente, afetar a sua identidade.

A mídia, para Barbara e Sardinha (2005), é um fator alavancador da mudança na imagem do professor. É um meio pelo qual a imagem da profissão pode ser criada, definida, redefinida ou mudada. A percepção que a sociedade tem de um grupo de profissionais pode ser reflexo do que a mídia veicula sobre tal profissão.

“Além de informar, educar e entreter o público, os jornais, revistas, canais de TV e estações de rádio podem ajudar a eleger ou a depor líderes políticos, a influenciar a opinião pública e a favorecer interesses econômicos (...), detendo muito poder” (CURRAN apud BARBARA; SARDINHA, 2005). Além desses meios de comunicação, podemos citar, atualmente, a internet, que é uma grande rede de comunicação de massa.

Nessa perspectiva, ao observar duas propagandas sobre a carreira docente, que circulam, na internet, no site do Ministério da Educação (MEC), despertou-nos o interesse em analisar esses textos, a fim de verificar quais são os sentidos produzidos ao tratarem sobre a profissão de professor, quais são os pressupostos que estão por trás dos elementos constituintes dessas

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem (UEL), Pró-reitora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão e professora de Língua Inglesa no Centro Universitário Metropolitano de Maringá – UNIFAMMA.

propagandas, ou seja, quais são os sentidos produzidos pelas imagens, personagens, falas e som, bem como, verificar de que maneira esses textos podem influenciar o modo como o professor se vê e, conseqüentemente, afetar a sua identidade. Dividimos este capítulo em cinco partes. Na primeira, apresentamos uma contextualização sobre o percurso histórico da carreira docente. Na segunda parte, tratamos do conceito de identidade e construção da identidade do professor. Na sequência, apresentamos a análise dos textos e, finalmente, apresentamos a conclusão dos resultados alcançados por meio da análise.

### **Percurso histórico da profissão de professor**

De acordo com Sedlak (1992), durante a era Colonial e através do século XIX, a grande maioria dos professores, na América, era jovem e branco. Havia poucas mulheres; as que se dedicavam à atividade de ensinar eram aquelas que alfabetizavam crianças ou que residiam nos campos, afastados da cidade, e ensinavam grupos de crianças ou jovens que também moravam ali.

Entretanto, quando o estado recrutava profissionais para o ensino, a preferência era pelo homem. Isso porque os líderes das comunidades acreditavam que a imposição de disciplina e autoridade era fundamental para a eficiência da escola, na educação dos alunos. Por consequência, a fragilidade da mulher não permitiria ou não daria a ela autoridade e firmeza para tal prática.

Em relação ao período de dedicação ao ensino, Sedlak (1992, p. 1369) afirma que o ensino era apenas um trabalho temporário. As mulheres dedicavam-se somente durante a adolescência, antes do casamento. Depois, passavam a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Os homens, na grande maioria, seguiam com a atividade docente até os 25 anos, enquanto se preparavam para outras carreiras, ou durante períodos de baixa produção na agricultura.

Segundo o autor, ensinar era um trabalho transitório na América, uma vez que as recompensas eram muito baixas e outras oportunidades profissionais e econômicas eram muito vantajosas para manter homens jovens na carreira educacional.

Contudo, depois da metade do século XIX, a situação social do ensino, nos Estados Unidos, começou a apresentar outras nuances. A presença das mulheres na educação passou a ser expressiva em todas as regiões dos Estados Unidos. A mudança de visão social e religiosa, em relação às crianças, a de que essas não eram criaturas perversas que necessitavam ser domadas, mas seres imaturos que precisavam ser gradualmente convertidos e domesticados para serem salvos, deu lugar a uma nova pedagogia e a mulher, então, com sua docilidade, era ideal para ensinar as crianças.

Assim, o baixo status da profissão está relacionado, naquela época, segundo Sedlak (1992, p.1369), com a visão da profissão como *social housekeeping*.

Estudiosos estão começando a levantar a possibilidade de que muito do baixo status do ensino é atribuível não só à relativa fraqueza das crianças mas também à reputação desvalorizada das mulheres. Assim como a enfermagem e o serviço social, pesa sobre o ensino uma imagem de provisão doméstica social. Esse 'trabalho feminino' passa a ser identificado como uma extensão da esfera doméstica e vulnerável à perda de capacidade de julgamento, autonomia e status<sup>2</sup>.

No Brasil, a situação não é diferente. Data de um longo tempo o baixo status da carreira docente. Segundo Goyder (apud BARBARA; SARDINHA, 2005, p.119), "de uma geração a outra é possível visualizar mudanças na percepção de prestígio da profissão, o que nos sugere que essa percepção muda, de fato, mesmo que lentamente".

A mídia, para Barbara e Sardinha (2005), é um fator alavancador dessa mudança. É um meio pelo qual a imagem da profissão professor pode ser criada, definida, redefinida ou mudada. A percepção que a sociedade tem de um grupo de profissionais pode ser reflexo do que a mídia veicula sobre tal profissão.

---

<sup>2</sup> Scholars are beginning to raise the possibility that much of the low status of teaching is attributable not only to the relative weakness of children, but also to the diminished stature of women. Like nursing and social work, teaching has been burdened with an image of 'social housekeeping'. Such 'women's work' becomes both identified as an extension of the domestic sphere and vulnerable to loss of discretion, autonomy and status (...)

Em resultados de pesquisa, Barbara e Sardinha (2005, p.124-125) constataam que, atualmente, há uma divisão entre a imagem projetada do professor universitário e a dos demais. Ao participar da imprensa como *expert* o professor universitário possui voz e nome. Portanto ele/a transmite uma imagem que transparece que é projetada na imprensa: de um acadêmico, com prestígio intelectual, que tem trabalho a oferecer, uma formação a dar, que tem voz a ser ouvida. Já a classe de professores e, por associação, os demais professores, mas também universitários, têm uma imagem projetada pela mídia de profissionais ligados à rede pública de ensino, que reivindica melhores condições de trabalho e de salário, pela via de greve. Há, portanto, uma clara diferença entre a imagem projetada de um professor universitário e o não-universitário: o primeiro, acadêmico de prestígio, o segundo, trabalhador sem prestígio.

Para Celani (2006, p.26), a profissão de professor é uma atividade especializada, requer preparação especial e “até algum tempo atrás, era atividade que conferia a quem desempenhava um status relativamente alto, respeitado pela sociedade”.

Nesse sentido, a autora argumenta que, se por um lado, tem-se as condições necessárias para falar do ensino, principalmente, o de língua estrangeira, como uma profissão, por outro lado, ainda há que se enfrentar uma situação na qual o ensino é visto, pelo poder governamental, como simples ocupação, ou ainda, como “bico”.

Um emprego subsidiário, pouco rendoso, de pequenos ganhos avulsos. Veja-se, por exemplo, a opinião de um ex-governador de SP a respeito da reivindicação de melhores salários por parte dos professores da escola pública: não têm do que se queixar, pois são, na enorme maioria, mulheres, que contam com o salários dos maridos e o que recebem como remuneração é para satisfazer pequenos caprichos, compra de bijuterias e outras miudezas. A autoridade da educação vê o trabalho de quem é encarregado da educação dos futuros cidadãos, (...) como um simples bico, além de, em uma atitude machista, que ignora a participação de homens como professores, presumir que todas as mulheres que ensinam são necessariamente casadas e dependentes de seus maridos e não profissionais independentes (CELANI, 2006, p.36).

Há ainda outro fator, destacado por Celani (2006), que é a invasão por todos os lados da profissão de professor de língua estrangeira, ou seja, qualquer um pode ser professor, ocorrendo até mesmo propostas por parte das

autoridades da educação para que profissionais de outras áreas, ou de nenhuma, assumam o ensino de disciplinas diante da falta de professores.

Contudo, para se tornar professor, há uma longa jornada, que, para Flores (2003), é complexa e idiossincrática. A transição do ser aluno para o ser professor é marcada pelo reconhecimento de um novo papel institucional e pela interação entre crenças, perspectivas e práticas distintas e conflituais, que podem, de acordo com a autora, ter consequências na (trans)formação da identidade profissional. É o que será apresentado a seguir.

### **Profissão de professor: construção da identidade**

Para Bohn (2005, p.98), mesmo antes do nascimento, o ser humano é identificado pelas pessoas que o cercam, ou seja, as pessoas lhe atribuem uma identidade “de gênero, de etnia, de primogênito ou companheiro de irmãos mais velhos.” Dessa forma, “os gestos, as palavras, os nomes, o olhar dos outros constituem o ser humano mesmo antes de ser recebido neste mundo” (BOHN, 2005, p.99).

Segundo Woodward e Silva (apud BOHN, 2005, p.99), o eu é sempre relacional, isto é, a identidade se constitui na diferença. “Só posso ser eu à medida que não sou Pedro, Maria, Venceslau, só posso ser professor de línguas na medida em que não sou médico, engenheiro, professor de artes, matemática, de informática”. Dessa forma, a identidade se constitui frente aos olhares dos outros, no social e na cultura. Mas, a identidade pode entrar em crise, segundo Woodward (apud BOHN, 2005, p.100), na medida em que algo que se acredita ser fixo, estável e coerente é colocado na posição da dúvida, da incerteza.

Para Bohn (2005, p.103), a identidade também se constrói na voz das instituições que se expressam nos textos e discursos políticos pedagógicos e também nos documentos oficiais. Nesse sentido, estes documentos que procuram expressar o significado da educação, do ensino-aprendizagem, dos materiais pedagógicos, das metodologias e conteúdos que precisam ser apresentados na sala de aula são “insumos importantes para alimentar o indivíduo para a constituição dos traços identitários, são os

efeitos de sentido que os projetos políticos dos governantes pretendem imprimir na sociedade”.

Nessa perspectiva, o autor afirma ainda que, o governo, na prática de priorizar gestos e obras, de legitimar atitudes, de controlar os movimentos sociais, tem papel importante do como a sociedade constrói a imagem sobre a profissão de professor.

De acordo com Fino e Sousa (2003), a identidade é uma questão de “foro pessoal”, que ganha significado no confronto que o sujeito tem consigo e com o “outro”, em uma estrutura social em que os poderes são desigualmente distribuídos.

O sujeito constrói a sua identidade pessoal a partir não só da relação consigo próprio, no conflito entre imagens de si (presentes, passadas e idealmente projetadas) como a partir da relação que ele estabelece com o outro, no reconhecimento desse outro e da diferença entre ambos (FINO; SOUSA, 2003, p.234).

Nesse sentido, é que os autores asseveram que, no jogo de relações da identidade, o poder se constitui como elemento significativo, pois implica uma “vivência consciente e assumida da diferença”. Assim, as atitudes, as crenças, os valores, as experiências partilhadas definem a identidade do sujeito.

Fino e Sousa (2003) acrescentam ainda o conceito de identidade profissional que nada mais é do que uma identidade social particular, é uma identidade especializada que diz respeito a um mundo institucional especializado que partilha saberes específicos, profissionais. Para Dubar (apud FINO; SOUSA, 2003, p.235), a construção da identidade profissional é um processo de socialização secundária que visa a um resultado simultaneamente “estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural dos diversos processos de socialização que simultaneamente constroem os indivíduos e definem as instituições”.

Com base nesses pressupostos, apresentamos, a seguir, uma reflexão acerca das propagandas apresentadas no Portal do Professor do Ministério da Educação.

## **Propagandas: construindo o imaginário da profissão**

Os textos encontram-se no site do MEC, portal do professor, no sítio *Seja um professor*, onde se concentram algumas informações sobre a carreira docente e, especificamente, sobre os profissionais da rede pública de ensino. Com o slogan *Seja um Professor*, o intuito das propagandas é incentivar os brasileiros para o ingresso na carreira docente.

O primeiro vídeo inicia-se com uma música instrumental ao fundo, alguns jovens com mochilas e livros nas mãos caminhando em uma escola.

Nas cenas seguintes, aparecem um laboratório com pessoas manipulando os recipientes, jovens conversando e sorrindo em uma sala de aula e, em frente a um computador, uma garota (foco em seu rosto) pensativa com uma caneta apoiada na face.

Aparecem ainda outros jovens conversando e sorrindo, três garotos (em um laboratório), um deles olhando para um microscópio. Adultos atentos, sentados em uma sala de aula, duas jovens manipulando produtos em um laboratório, quatro meninos sorrindo virados em direção a câmera, jovens com jalecos (foco no rosto) sorrindo e, por fim, uma imagem aberta em que, no fundo, aparece uma escola, com arquitetura simples, com alguns alunos em frente.

Para encerrar, ouve-se um narrador que diz: *“onde você trabalha as pessoas sempre te dão opiniões mais honestas, fazem perguntas que ninguém pensaria fazer? Você consegue debater com gente que realmente quer formar sua própria opinião? Trabalhe com as pessoas mais interessantes do mundo. Seja um professor!”* Após, muda-se a voz do narrador, agora uma mulher, que diz acompanhada da escrita com letras grandes – *“Consulte o portal do MEC. Ministério da Educação. Brasil um país de todos.”*

O clima apresentado é de harmonia e, nesse vídeo, a ideia é mostrar o trabalho que pode ser desenvolvido com jovens e adultos, enquanto no segundo vídeo, como será apresentado posteriormente, apresenta-se o trabalho do professor com crianças. Essa apresentação produz o efeito de que seja qual for a idade, o nível ou contexto em que o professor trabalhe, ele terá seu mérito garantido e estará contribuindo para o desenvolvimento do país. Nota-se que essa visão vai de encontro do que Barbara e Sardinha (2005, p.124-125) constaram, por meio de pesquisa, sabidamente de que há uma divisão na imagem projetada, pela mídia, do professor universitário e dos demais, sendo o

primeiro acadêmico de prestígio e o segundo trabalhador sem prestígio. Para as propagandas, que são apresentadas simultaneamente no site, são escolhidos dois contextos de ensino, desmistificando a imagem de que há maior prestígio dependendo do nível em que o professor atua.

O que é recorrente, nesse primeiro vídeo, é a noção de descoberta, criatividade e interesse, pois se apresenta mais de uma vez jovens em laboratórios, manipulando recipientes, o que se revela como algo importante para o país, uma vez que tais imagens resgatam uma memória de ciência, de produção científica, que é fundamental para qualquer país que queira se desenvolver.

Com isso, ao longo do vídeo, as imagens e a fala do narrador, jovens em laboratório, em frente a um computador, atentos em uma sala de aula, discutindo em grupo e o narrador falando, enquanto essas imagens vão sendo apresentadas, (*Onde você trabalha as pessoas sempre te dão opiniões mais honestas, fazem perguntas que ninguém pensaria fazer? Você consegue debater com gente que realmente quer formar sua própria opinião? Trabalhe com as pessoas mais interessantes do mundo. Seja um professor!*), reforçam a mensagem, também veiculada na segunda propaganda, a de que o professor é responsável pelo crescimento do país quando tem em mãos instrumentos para mediar e sistematizar o conhecimento intuitivo e prévio do aluno em conhecimento científico.

Ser um professor, segundo o vídeo, é trabalhar com pessoas honestas, que dizem o que pensam, que fazem perguntas inusitadas e é debater ideias que formam opiniões.

Já, no segundo vídeo, o roteiro inicia-se pela apresentação de vários países como Inglaterra, Finlândia, Alemanha, Coreia do Sul, Espanha e Holanda com alguns pontos turísticos e, escrito, abaixo de cada cena, o nome de seu respectivo país. Durante a apresentação dessas imagens, ouve-se a voz de um narrador que diz: *Alguns países mostraram grande capacidade de se desenvolver social e economicamente nos últimos trinta anos. Nós perguntamos a pessoas desses países – qual é, na sua opinião, o profissional responsável pelo desenvolvimento?*

Nas cenas seguintes, uma jovem japonesa, um homem espanhol, um senhor inglês, um homem alemão dizem, em suas línguas, acompanhados de legenda em português, que é o professor.

Na cena posterior, agora no Brasil, surge uma mulher jovem e negra, bem vestida (roupa formal), com pastas e papéis nas mãos, que caminha em direção a várias crianças com mochilas, sentadas em uma escada em frente a uma escola. A mulher, antes de chegar perto das crianças, olha para a câmera e diz: *Venha construir um país mais desenvolvido, mais justo, com oportunidades para todos. Seja um professor!*. Quando chega perto das crianças, olha para elas e fala de forma enfática e alegre: *Bom dia*". As crianças respondem todas juntas ao cumprimento da pessoa que representa a professora. A professora diz: *Vamos lá!* e seus alunos levantam-se e seguem para dentro da escola.

Encerra-se a propaganda com o narrador falando e aparecendo escrito em letras grandes: *Informe-se no portal do MEC. [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Ministério da Educação. Brasil um país de todos.*

É fundamental pensarmos no momento sócio-histórico em que tal texto foi produzido e divulgado pela mídia. Sabemos que a carreira docente é uma área que não possui muito prestígio. Como citam Bárbara e Sardinha (2005), os professores, principalmente aqueles que trabalham com os níveis fundamental e médio têm uma imagem projetada, pela mídia, de profissionais ligados à rede pública de ensino, que reivindicam melhores condições de trabalho e de salário, pela via de greve. Consequência disso é a baixa procura dos vestibulandos pelos cursos de licenciatura. Segundo informações do portal do professor, na edição 28 – *Seja um professor*, divulgadas neste mesmo ano, "a Secretaria de Educação de Pernambuco convocou profissionais com bacharelado em cursos da área de exatas para suprir a carência de professores".

Dentro desse viés é que o segundo vídeo, em foco nesse trabalho, vai ao encontro de tal realidade, a fim de "resgatar" a auto-estima do profissional da educação e incentivar os brasileiros para o ingresso nessa carreira.

Isso se dá, inicialmente, pela seleção do roteiro de imagens do vídeo, em que se apresentam vários monumentos, lugares turísticos construídos por homens de países desenvolvidos. A ideia é de que esses países só conseguiram chegar onde estão por meio da educação e de que, para isso, contam com um profissional que é a chave para o bom andamento do ensino – o professor. Contudo, os cidadãos daqueles países, sejam jovens ou de mais idade, mulheres ou homens, reconhecem a função e valor do profissional da educação.

Resgata-se a memória, por meio dessas imagens, de que a carreira docente não é valorizada, reconhecida no Brasil como acontece nos países em

destaque no vídeo. O professor não é visto por todos como responsável pelo desenvolvimento do país ou pelo menos não é valorizado por isso.

Produz-se o efeito de que o Brasil só vai atingir tal patamar quando os próprios brasileiros reconhecerem a importância, o valor desses profissionais e, conseqüentemente, do ensino. Ademais, já que está arraigado no imaginário social que o que vem de fora é bom, ou que a vida em outros países é muito melhor do que no Brasil, visto que muitos brasileiros migram para outros países à procura de mais oportunidade de emprego, de melhores salários, o vídeo tenta mostrar como o Brasil pode buscar caminhos para se equiparar a países desenvolvidos.

Cada nacionalidade é representada, no vídeo, pelo estereótipo de seu país, loiros, morenos, brancos, negros. Para demonstrar uma professora feliz e bem-sucedida no Brasil, seleciona-se uma mulher, jovem e negra, bem vestida, boa aparência, que ao olhar para a câmera diz *“Venha construir um país mais desenvolvido, mais justo, com oportunidades para todos. Seja um professor!”*. Pressupomos, por meio da imagem e discurso dessa personagem, que se trata de uma pessoa bem sucedida financeira e pessoalmente.

Assim, uma típica representante da população brasileira convoca outros brasileiros a serem como ela, ou a serem como a imagem que se revela, por meio dela, no vídeo, pois, embora esteja, no imaginário social, que os professores não são profissionais em ascensão, ela vem mostrar, com a sua imagem e seu discurso, que o professor é muito importante para o país, pois é responsável pelo desenvolvimento, pela igualdade e oportunidade a todos, que, por meio da educação, podem ascender socialmente.

O que se revela nesse texto, é que, ciente de que a classe dos profissionais da educação foi marginalizada por um longo período no Brasil, uma vez que a mídia sempre retratou a situação de descaso com o professor, com baixos salários, condições precárias de ensino e de condições de trabalho, o órgão responsável pela educação vem agora, por meio da mídia, tentar resgatar a imagem da profissão esquecida. Como postulam Fino e Sousa (2003), o governo tem papel importante do como a sociedade constrói a imagem sobre a profissão de professor, e essa pode interferir no modo como o professor se vê e, conseqüentemente, afetar a sua identidade.

Os vídeos, desenvolvidos pelo Ministério da Educação, deixam entrever a imagem de professores com uma identidade em crise, que não mais acreditam

ser importantes para o país. Ora, ao veicular uma propaganda, o objetivo é veicular uma ideia, é persuadir para a aceitação de algo. A persuasão aqui se dá justamente para a aceitação de si e do outro, ou seja, a aceitação do professor e do modo como o outro vê o professor.

Corroborando das ideias de Fino e Sousa (2003), a identidade é uma questão de “foro pessoal”, que ganha significado no confronto que o sujeito tem consigo e com o “outro”, em uma estrutura social em que os poderes são desigualmente distribuídos. Assim, tais propagandas podem provocar o olhar para si mesmo e para a construção da identidade pessoal a partir da relação da imagem que se tem de si e da relação que estabelece com o outro, pois, enquanto professor é responsável pelo outro, pelo cidadão que irá construir o futuro do país.

### **Considerações finais**

O objetivo deste trabalho foi analisar duas propagandas sobre a carreira docente, veiculadas no site do Ministério da Educação, a fim de verificar quais são os sentidos produzidos ao tratarem sobre a profissão de professor e de que maneira esses textos podem influenciar o modo como o professor se vê e, conseqüentemente, afetar a sua identidade.

Por meio dos elementos composicionais apresentados, percebemos que os vídeos resgatam a memória de que a carreira docente não é valorizada e reconhecida no Brasil como acontece em países desenvolvidos. O professor não é visto pelos brasileiros em geral e nem por ele mesmo, como responsável pelo desenvolvimento do país. Produz-se o efeito de que o Brasil só vai atingir alto patamar, quando os próprios brasileiros reconhecerem a importância e o valor dos profissionais do ensino.

Portanto, a persuasão dos textos se dá na aceitação de si, o professor, e do outro, aquele que vê o professor, isto é, o modo como o outro vê o professor. Dessa forma, os textos podem provocar um olhar para si mesmo (profissional do ensino) e para a construção da identidade pessoal a partir das relações imaginárias entre o eu e a relação que estabelece com o outro.

## Referências

- BÁRBARA, L.; SARDINHA, T. B. Professor: A imagem projetada na imprensa. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*. Recife (UFPE), v.17, p.115-126, 2005.
- BOHN, H. I. A formação do professor de línguas – A construção de uma identidade profissional. *Investigações: Linguística Aplicada e Teoria Literária*. Recife: (UFPE), v.17, n.2, p.97-113, 2005.
- CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: Ocupação ou profissão. In: LEFFA, V. (Org). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat. 2006. p.25-43..
- FINO, C. N.; SOUSA, J. M. Alterar o currículo: mudar a identidade. *Revista de Estudos Curriculares*. Braga, v. 1, n. 2, p.233-250, 2003.
- FLORES, M. A. Aprender a ser professor: dilemas e (des)continuidades. *Revista de Estudos Curriculares*. Braga, v. 1, n. 2, p.189-212, 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em setembro de 2010.
- SEDLAK, Michael J. A History of Teachers and Teaching in America. In: ALKIN, M. C. (Ed.). *Encyclopedia of Educational Research*. Sixth edition. New York: Macmillan Publishing Company, 1992. p.1369-1373.